



**GRAÇAS DO
PADRE CRUZ SJ**

PRECES PARA UMA NOVENA



Deus infinitamente misericordioso que desceste do Céu à terra para ser a salvação e o modelo de todos os homens; Vós que dis-sestes: Pedi e recebereis, procurai e encontrareis, batei e abrir-se-vos-á, pelos méritos e intercessão do Vosso servo P. Cruz que, perfeito imitador Vosso, abrasado em caridade, passou igualmente pela terra a fazer bem: consolando os aflitos, socorrendo os necessitados, visitando os pobres e encarcerados e convertendo os pecadores.

Concedei-nos a graça de imitar as suas virtudes, principalmente o seu espírito de oração e união com Deus, o espírito de fé viva, de esperança firme e de amor ardente, a devoção filial à SS.ma Virgem, o zelo pela salvação das almas e o horror a tudo o que desgoste o divino Espírito Santo e nos torne menos dignos da Sagrada Comunhão. Concedei-nos em particular a graça de... se for para honra Vossa, para bem das nossas almas e glória do vosso Servo. Assim seja.

Pai Nosso, Avé Maria e Glória.

Bondoso Padre Cruz, rogai por nós!

Oração

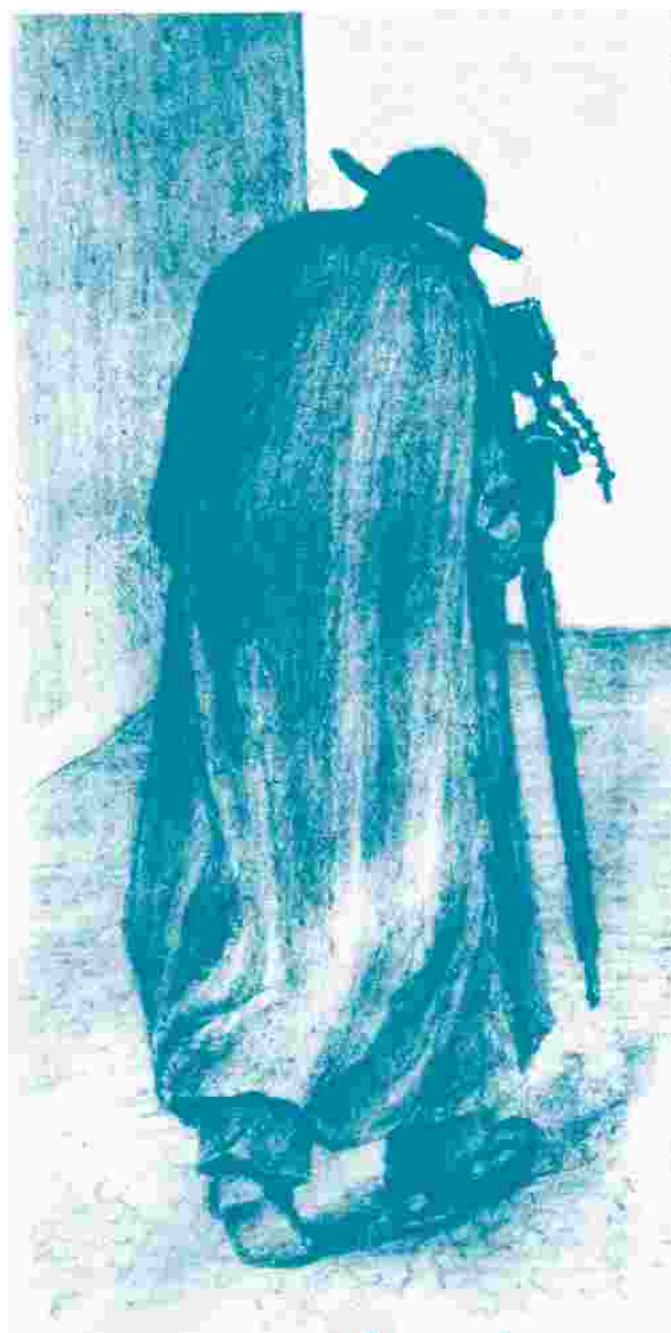
Senhor Jesus Cristo, que dissestes: Se não vos tornardes como pequeninos, não entrareis no reino dos céus, olhai para a humildade e simplicidade com que o Vosso servo Francisco procurou a glória divina e o bem temporal e sobrenatural dos humildes, e dignai-Vos glorificar o Vosso discípulo fiel com a auréola da santidade, se isso for da Vossa maior glória.

Por Nosso Senhor Jesus Cristo, Vosso Filho, na unidade do Espírito Santo.

Assim seja.

Nota: Estas preces destinam-se a devoção particular.

Evite-se cuidadosamente tudo o que pareça culto público.

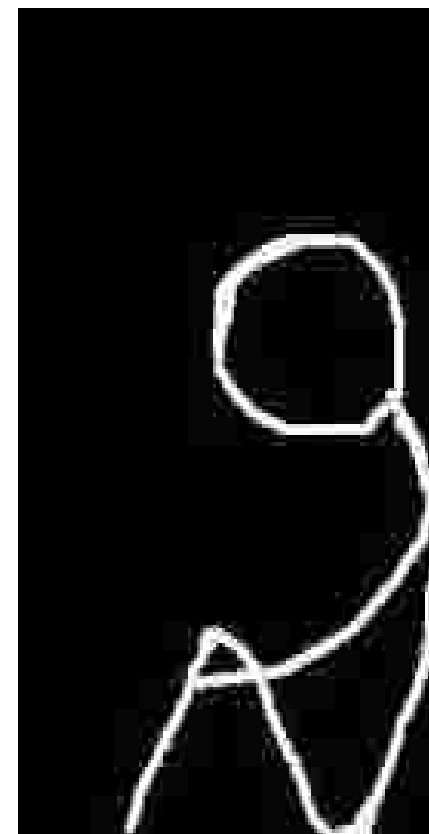


Índice :

O mal do nosso tempo	pág. 35
A Divina Misericórdia	pág. 37
Ressurreição de Jesus	pág. 41
Quem era o Padre Cruz	pág. 47
Datas de Abertura do Jazigo	pág. 52
Pentecostes	pág. 53
Avisos: Morada para correspondência e Novo Número de Telefone	pág. 58
Deram Esmola e agradecem Graças	pág. 59



O
mal
do
nosso
tempo



Há uma doença que é própria dos nossos dias, e da qual há quarenta anos pelo menos não se falava tanto. Estou a pensar na depressão, que hoje é um mal transversal na nossa sociedade, pois se encontra em todas as classes sociais e mesmo em todas as formas da existência cristã: há clérigos deprimidos, como há religiosos e leigos. Os Padres do deserto falavam do mal da acedia ou do demónio do meio-dia (cf. SI 90,8). Era a falta de gosto por tudo e



manifestava-se tanto na preguiça e na indolência como na agitação, no desejo de mudar de lugar, de partir. Julgo que se pode estabelecer uma relação entre a depressão contemporânea e a acedia, pois tanto uma como a outra significam a falta de gosto pela vida, e, no homem religioso, na falta de gosto pelas coisas espirituais.

Na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, o Papa Francisco refere-se expressamente à acedia como o mal de que podem padecer os agentes pastorais (cf. EG 81-83). Um dos sinais da acedia é a tristeza, que o Papa Francisco considera como um dos males mais graves de que padece o homem hoje: «O grande risco do mundo atual, com a sua múltipla e avassaladora oferta de consumo, é uma tristeza individualista que brota do coração comodista e mesquinho, da busca desordenada de prazeres superficiais, da consciência isolada» (EG 2). O homem atual continua a procurar a felicidade nos bens materiais, que podem ajudar, mas que não trazem nem a alegria nem o gosto de viver. E que este gosto de viver, esta alegria só pode vir de dentro, do encontro com um amor que nos salva, que nos precede, e este só se encontra em Deus, em Jesus Cristo, que se entregou à morte por amor, como dizia S. Paulo: «Ele amou-me e entregou-se por mim» (Gal 2,20).

Não basta, portanto, um tratamento psicológico da depressão; uma confissão bem feita e o bom conselho de uma pessoa prudente são o melhor remédio para este mal. Enquanto as manhãs do domingo forem ocupadas a dormir ou a praticar desporto ou a frequentar feiras de fim-de-semana ou centros comerciais e as Igrejas estiverem vazias, sem comunidades vivas a celebrarem a alegria do Senhor ressuscitado, não é de esperar que passe o mal da acedia nem da depressão de que padece o homem atual.

P. José Jacinto Ferreira de Farias, scj
Assistente Espiritual do Fundação AIS



A Divina Misericórdia

CARDEAL D. EUSÉBIO OSCAR SCHEID

O segundo Domingo da Páscoa é dedicado à misericórdia do Senhor. A sua celebração, dentro do tempo pascal, remete-nos à importância que a Revelação, a Teologia e a Espiritualidade, com razão, dedicam a este atributo divino.



A partir de critérios filosóficos, é bastante difícil definir a misericórdia. Encontramos a correcta noção nos textos revelados da Sagrada Escritura, descrevendo a maneira como Deus se relaciona com o seu povo. A sua misericórdia manifesta-se, concreta e dinamicamente, no dia-a-dia. O trecho seguinte, extraído do Livro do Êxodo, é um bom exemplo: “O Senhor desceu na nuvem e esteve perto de Moisés, pronunciando o nome de Javé. O Senhor passou diante dele, exclamando: “Javé, Javé, Deus compassivo e misericordioso, lento para a cólera, rico em bondade e em fidelidade, que conserva a sua graça até mil gerações, que perdoa a iniquidade, a rebeldia e o pecado, mas não tem por inocente o culpado” (Ex 34,5-7).

A partir de um ambiente elevado, sobrenatural, simbolizado pela nuvem, Deus se aproxima do seu povo e o instrui. Os diversos atributos divinos, enumerados nos textos bíblicos, são como que desdobramentos do Amor em acção, que se inclina para aqueles que estão na miséria e no desalento físico, moral e, até mesmo, espiritual. O Coração de Deus se dá a todos eles (misericórdia).

A compaixão (sofrer com) vai além da misericórdia. Deus compartilha o sofrimento dos que estão em duras provações. A propósito, seria bom repensar o conceito, frequentemente difundido, de que Deus não poderia estar sujeito ao sofrimento, por ser imperfeição. Sofrer, especialmente por compaixão, é altamente qualificativo do amadurecimento ou da excelência de uma pessoa.

Outro conceito correlato é o de comiseração. Deus, praticamente, “entra” na miséria humana, identifica-se convosco, para ficar próximo de quem experimenta as piores condições de rebaixamento e de humilhação: “Não temos nEle um Pontífice incapaz de compadecer-se das nossas fraquezas. Ao contrário, passou pelas mesmas provações que nós, com excepção do pecado” (Hb 4,15).

A seguir, vem um grau ainda mais profundo de misericórdia, que é a empatia, ou seja, a capacidade de experimentar, pela própria sensibilidade, a situação concreta de outrem: “entrar na dele”. É o que Cristo nos ensina, através da parábola do Bom Samaritano, que se

aproxima e se compadece do próximo, quase morto, e toma todas as providências para retirá-lo daquela situação lastimável, que ele sente como sua (cf. Lc 10,30-37).

A humanidade foi mortalmente ferida, a partir do instante em que se separou de Deus, e quis se erigir em igualdade, ou até superioridade ao Criador, como diz o tentador, o pai da mentira: “Vós sereis deuses” (Gn 3,5). Então, Deus entra na nossa história, assume-a e a transforma, completamente. O Filho, nosso Salvador, enviado pelo Pai, no amor do Espírito, vem ao mundo para assumir a nossa condição toda. Encontra-nos acometidos pelas feridas do pecado, machucados pelas consequências de nossos próprios erros, falidos em nossas tentativas de auto superação.

O que Ele nos traz? - O perdão. Daí vem a dúvida dos doutores da Lei, diante da atitude de Jesus, ao perdoar os pecados do paralítico: “Como pode este homem falar assim? Ele blasfema. Quem pode perdoar pecados senão Deus?” (Mc 2,7). Com isso eles próprios declararam, dado que o perdão foi confirmado pela cura física, que Jesus, além de ser o Messias, é Deus. Só Deus perdoa. O perdão é divino. O perdão que damos, humanamente, se o damos até à profundidade do nosso ser, retirando qualquer ressentimento ou recordação das coisas passadas, certamente é inspirado pelo próprio Deus.

E como ficou a nossa dívida? Jesus entregou o preço do seu sangue, de valor infinito, para pagar as nossas culpas, que são finitas, mas atingem e ferem a própria bondade do Deus infinito. Seu Sangue nos resgatou da influência deletéria que o maligno exercia sobre nós. São Paulo explica: “Fostes comprados por um grande preço” (1Cor 6,20). E São Pedro complementa: “Porque vós sabeis que não é por bens perecíveis, como a prata e o ouro, que tendes sido resgatados da vossa vã maneira de viver, recebida por tradição de vossos pais, mas pelo precioso sangue de Cristo” (1Pd 1,18).

Não temos merecimento algum na vinda de Cristo à terra e na graça que recebemos através do seu Espírito. Tudo é bondade gratuita, pura misericórdia de Deus. Assim, se estabelece a Nova Aliança,



definitiva e eterna, selada pelo Sangue do próprio Cristo. É o que nós celebramos na Eucaristia: “Este cálice é a Nova Aliança no meu Sangue” (1Cor 11,25).

Deus continua a nos prodigalizar o perdão e a misericórdia, no dia-a-dia de nossa vida, através de outras formas de sua Presença actuante: além do Batismo, da Eucaristia e da Unção dos Enfermos, Ele actua pela Palavra, “que não volta sem ter produzido seu efeito, sem ter executado minha vontade e cumprido sua missão” (Is 55,11).

A misericórdia também se manifesta em cada graça que nos é concedida. Somos tão fracos que, embora sabendo o que devemos fazer, não temos suficiente força moral, nem espiritual, para consegui-lo. Em tais ocasiões, vem em nosso socorro esse auxílio extraordinário chamado graça, conforme São João ensina: “Todos nós recebemos da sua plenitude [do Verbo encarnado] graça sobre graça” (Jo 1,16). As graças como que se sobrepõem, para podermos concretizar o que nos é inspirado no ideal de uma vida cristã renovada, a de um “renascido” pela ação ininterrupta de Cristo, o Salvador.

A misericórdia divina se achega a nós, inspirando cada um de nossos bons propósitos e aptos meritórios. São tantas as inspirações que recebemos! Elas transparecem em nosso diálogo com Deus mediante a oração, fundamentada na própria oração de Cristo ao Pai, como Mediador da nossa fé. Disto nos fala este tópico sublime da Carta aos Hebreus: “Aproximemo-nos, pois, confiadamente, do trono da graça, a fim de alcançar misericórdia e achar a graça de um auxílio oportuno” (Hb 4,16).

Peçamos a Deus que fortaleça nossa confiança na sua misericórdia e alente a nossa oração, para que obtenhamos seus efeitos restauradores e divinizantes. A fé, que opera pelo amor, nos faz apelar à Trindade Santa: “Tende compaixão de mim, que sou um pobre pecador”, pois nada somos por nós mesmos, a menos que a misericórdia de Deus nos penetre e nos transforme... até chegarmos a ser “um homem adulto à medida completa da plenitude de Cristo” (Ef 4,13).



Ressurreição de Jesus



Se a ressurreição de Jesus fosse fraude, os judeus teriam-na desmentido.

A ressurreição de Jesus é um facto histórico inegável. O primeiro acontecimento da manhã do Domingo de Páscoa foi a descoberta do sepulcro vazio (cf. Mc 16, 1-8). Ele foi a base de toda a ação e pregação dos Apóstolos e foi muito bem registada por eles. São João afirma: “O que vimos, ouvimos e as nossas mãos apalparam isto atestamos” (1 Jo 1,1-2).

Jesus ressuscitado apareceu a Madalena (Jo 20, 19-23); aos discípulos de Emaús (Lc 24,13-25), aos Apóstolos no Cenáculo, com



Tomé ausente (Jo 20,19-23); e depois, com Tomé presente (Jo 20,24-29); no Lago de Genezaré (Jo 21,1-24); no Monte na Galileia (Mt 28,16-20); segundo São Paulo “apareceu a mais de 500 pessoas” (1 Cor 15,6) e a Tiago (1 Cor 15,7).

São Paulo disse: “Porque antes de tudo, ensinei-vos o que eu mesmo tinha aprendido: que Cristo morreu pelos nossos pecados [...] e que foi sepultado, e que ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras, e foi visto por Cefas, e depois pelos Onze; depois foi visto por mais de quinhentos irmãos duma só vez, dos quais a maioria vive ainda hoje e alguns já adormeceram; depois foi visto por Tiago e, em seguida, por todos os Apóstolos; e, por último, depois de todos foi também visto por mim como por um aborto” (1 Cor 15, 3-8).

“Deus ressuscitou esse Jesus, e disto nós todos somos testemunhas” (At 2, 32), disse São Pedro no dia de Pentecostes. Diz ainda São Pedro no dia de Pentecostes: “Saiba com certeza toda a Casa de Israel: Deus o constituiu Senhor (Kýrios) e Cristo, este Jesus a quem vós crucificastes” (Act 2, 36). “Cristo morreu e reviveu para ser o Senhor dos mortos e dos vivos” (Rm 14, 9). No Apocalipse, João arremata: “Eu sou o Primeiro e o Último, o Vivente; estive morto, mas eis que estou vivo pelos séculos, e tenho as chaves da Morte e da região dos mortos” (Ap 1, 17s).

A primeira experiência dos Apóstolos com Jesus ressuscitado foi marcante e inesquecível: “Jesus apresentou-se no meio dos Apóstolos e disse: “A paz esteja convosco!” Tomados de espanto e temor, imaginavam ver um espírito. Mas ele disse: “Por que estais perturbados e por que surgem tais dúvidas em vossos corações” Vede minhas mãos e meus pés: sou eu! “Apalpai-me e entendei que um espírito não tem carne nem ossos, como estais vendo que eu tenho”. Dizendo isto, mostrou-lhes as mãos e os pés. E, como, por causa da alegria, não podiam acreditar ainda e permaneciam surpresos, disse-lhes: “Tendes que comer”. Apresentaram-lhe um pedaço de peixe assado. Tomou-o então e comeu-o diante deles” (Lc 24, 34ss).

Aos Apóstolos amedrontados, que julgavam ver um fantasma,

Jesus pede que o apalpem e verifiquem que tem carne e ossos.

Nada disto foi uma alucinação, nem miragem, nem delírio, nem mentira, e nem fraude dos Apóstolos, pois tratava-se de pessoas muito realistas que, inclusive, duvidaram a princípio da Ressurreição do Mestre. A custo se convenceram. O próprio Cristo teve que falar a Tomé: “Apalpai e vede: os fantasmas não têm carne e osso como me vedes possuir” (Lc 24,39). Os discípulos de Emaús estavam decepcionados porque “nós esperávamos que fosse Ele quem restaurasse Israel” (Lc 24, 21).

Estes depoimentos “de primeira hora”, concebidos e transmitidos pelos discípulos imediatos do Senhor, são argumentos suficientes para dissolver qualquer teoria que quisesse negar a ressurreição corporal de Cristo. Esta fé não surgiu “mais tarde”, como querem alguns, na história das primeiras comunidades cristãs, mas é o resultado da missão de Cristo acompanhada dia a dia pelos Apóstolos.

Os chefes dos judeus tomaram consciência do significado da Ressurreição de Jesus, e, por isso, resolveram dissipá-la: “Deram aos soldados uma vultosa quantia de dinheiro, recomendando: “Dizei que os seus discípulos vieram de noite, enquanto dormíeis, e roubaram o cadáver de Jesus. Se isto chegar aos ouvidos do Governador, nós o convenceremos, e vos deixaremos sem complicação”. Eles tomaram o dinheiro e agiram de acordo com as instruções recebidas. E espalhou-se esta história entre os judeus até hoje” (Mt 28, 12-15).

E Jesus morreu de verdade, inclusive com o lado perfurado pela lança do soldado. É ridícula a teoria de que Jesus estivesse apenas adormecido na Cruz. Os Apóstolos só podiam acreditar na Ressurreição de Jesus pela evidência dos factos, pois não estavam predispostos a admiti-la; ao contrário, haviam perdido todo o ânimo quando viram o Mestre preso e condenado; também para eles a ressurreição foi um escândalo. Eles não tinham disposições psicológicas para “inventar” a notícia da ressurreição de Jesus ou para forjar tal evento. Eles ainda estavam impregnados das concepções de um messianismo nacionalista e político, e caíram quando viram o Mestre preso e aparentemente fracassado; fugiram para não serem presos eles mesmos (Cf. Mt 26,



31s); Pedro renegou o Senhor (cf. Mt 26, 33-35). O conceito de um Deus morto e ressuscitado na carne humana era totalmente alheio à mentalidade dos judeus.

É de se notar ainda que a pregação dos Apóstolos era severamente controlada pelos judeus, de tal modo que qualquer mentira deles seria imediatamente denunciada pelos membros do Sinédrio. Se a ressurreição de Jesus, pregada pelos Apóstolos não fosse real, se fosse fraude, os judeus teriam-na desmentido, mas eles nunca puderam fazer isto.

Os vinte longos séculos do Cristianismo, repletos de êxito e de glória, foram baseados na verdade da Ressurreição de Jesus. Afirmar que o Cristianismo nasceu e cresceu em cima de uma mentira e fraude seria supor um milagre ainda maior do que a própria Ressurreição do Senhor. Será que em nome de uma fantasia, de uma miragem, milhares de fiéis enfrentariam a morte diante da perseguição romana? É claro que não. Será que em nome de um mito, multidões iriam para o deserto para viver uma vida de penitência e oração? O testemunho dos Apóstolos sobre a Ressurreição de Jesus era convincente e arrastava. O edifício do Cristianismo requer uma base mais sólida do que a fraude ou a debilidade mental. Assim, é muito mais lógico crer na Ressurreição de Jesus do que explicar a potência do Cristianismo por uma fantasia de gente desonesta ou alucinada.

A Ressurreição de Jesus é ponto fundamental da fé cristã, a ponto que São Paulo pode dizer: “Se Cristo não ressuscitou, vazia é a nossa pregação; vazia também é a vossa fé... Se Cristo não ressuscitou, vazia é a vossa fé; ainda estais nos vossos pecados” (1Cor 15, 14.17).

A Ressurreição de Jesus é a base da fé; São Paulo chama Cristo ressuscitado “o Primogénito dentre os mortos” (Cl 1, 18). A Ele, ressuscitado em primeiro lugar, seguir-se-á a ressurreição dos irmãos: “Cada qual na sua ordem: Cristo, as primícias; depois, os que são de Cristo, por ocasião da sua segunda vinda; a seguir, haverá o fim” (1Cor 15, 23s).



*Maio:
mês de
Maria*

*É um convite para
voltarmos nosso
olhar para esta
Mãe*

As referências dos Evangelhos e dos Atos dos Apóstolos a Maria, Mãe de Jesus, apesar de poucas, deixam ver muito desta privilegiada criatura, escolhida para tão alta missão. São Paulo, na Carta aos Gálatas (4,4), dá a entender claramente que, no pensamento divino de nos enviar o Seu Filho, quando os tempos estivessem maduros, uma Mulher era predestinada a no-Lo dar. Para que se compreenda a presença da Virgem Maria nesta predestinação divina, a Igreja, na festa de 8 de dezembro, aplica à Mãe de Deus aquilo que o livro dos Provérbios (8, 22) diz da sabedoria eterna: “Os abismos não existiam e eu já tinha sido concebida. Nem fontes das águas haviam brotado nem as montanhas se tinham solidificado e eu já fora gerada. Quando se firmavam os céus e se traçava a abóboda por sobre os abismos, lá eu estava junto dele e era o seu encanto todos os dias”. Era, pois, a predestinada nos planos divinos.

Para se perceber melhor o perfil materno de Nossa Senhora, três passagens bíblicas podem esclarecer isso. A primeira é a das Bodas



de Caná, que realça a intercessora. Quando percebeu “o olhar feminino que tudo vê e tudo observa” estar faltando vinho, sussurra no ouvido do Filho a sua preocupação e obtém, quase sem pedir, apenas sugerindo, o milagre da transformação da água em generoso vinho. Ela é, de facto, a mãe que se interessa pelos filhos de Deus que são seus filhos.

Outra passagem do Evangelho esclarecedora da personalidade de Maria é a que nos mostra o seu silêncio e a sua humildade. O anjo encontra-a na quietude de sua casa, rezando, para lhe dizer que fora escolhida por Deus para dar ao mundo o Emanuel, o Salvador. Ela assusta-se com a mensagem celeste, porque, na sua humildade, nunca poderia ter pensado em ser escolhida do Altíssimo. Acolhe assim, por vontade divina, a palavra do mensageiro, silenciosamente, sem dizer, nem sequer ao noivo, José, o que nela se realizava. Deus tem o direito de escolher e por isso ela diz apenas o generoso “sim” que a tornou Mãe de Deus.

O terceiro traço de Maria-Mãe é sua corajosa atitude diante do sofrimento. Ao apresentar o seu Jesus no templo, ouve a assustadora profecia do velho Simeão: “Uma espada de dor trespassará a tua alma”. Pouco mais tarde, estreitando ao peito o Menino Jesus, deve fugir para o Egito com o esposo, para que a crueldade de Herodes não atingisse a Criança que “pensava ele, Herodes” lhe poderia roubar o trono. Quando seu Filho tem doze anos, desencontra-se dele e, ao achá-Lo após três dias, queixa-se amorosamente: “Porque fizeste isto? Eu e teu pai te procurávamos, aflitos”. A sua coragem confirma-se na Paixão e Crucifixão de Jesus. De pé, ali no Calvário, sofre e associa-se ao sacrifício do Redentor. É a mulher forte, a mãe corajosa e firme, a quem a dor não derruba. De facto, a espada de Simeão atravessara-lhe a alma e o coração. É a Senhora das Dores.

Maior, mês dedicado a Nossa Senhora, pela piedade cristã, é um convite para voltarmos o nosso olhar para esta Mãe querida e pedir-lhe que abra as suas mãos maternas em bênção de carinho sobre os nossos passos nesta difícil escalada da Jerusalém celeste.



Padre Cruz um Padre da atualidade

Que o Padre Cruz foi um sacerdote muito virtuoso, não restam dúvidas. Foi talvez o homem e o sacerdote mais popular e mais querido de toda a terra de Portugal.

Mas terá sido um sacerdote que possa servir de exemplo aos sacerdotes dos nossos dias?



Mons. Bazelaire, Bispo de Chambery, descreveu num artigo o Padre ideal — Padre 1949 (ano seguinte à morte do Padre Cruz).

De então para cá, as condições do mundo ainda não mudaram nem mudarão tão cedo; o artigo continua a ter inteira atualidade.

São as seguintes as conclusões de Mons. Bazelaire:

1.º — Porque os fiéis esperam do Padre que seja plenamente Padre, ele deve encarar o seu sacerdócio como uma função sagrada, alimentada pelo espírito da liturgia, iluminada pela virtude da fé.

2.º — Porque os fiéis esperam do Padre que seja humano e compreenda os seus problemas da vida, ele deve encarar o seu sacerdócio como um serviço social, atento aos deserdados e conquistando-os primeiro pelas suas virtudes naturais.

3.º — Porque os fiéis esperam do Padre que seja desinteressado, ele deve encarar o seu sacerdócio como uma encarnação do Evangelho, e pregar em todos os meios este Evangelho com um espírito missionário, dando ele próprio o exemplo da pobreza.

O Padre Cruz foi assim: plenamente Padre. A batina que nunca largou e bem o símbolo do espírito sacerdotal que em todo o tempo e circunstâncias imprimiu carácter às suas atitudes e atos.

Plenamente Padre ao altar, no púlpito e no confessional, unicamente preocupado com a glória de Deus e a salvação das almas, foi também plenamente Padre na rua e nas casas que frequentou, com a mesma preocupação da glória de Deus e do bem das almas.

Toda a sua atividade foi uma ação sagrada. Inteiramente entregue as coisas de Deus, nunca repartiu o seu tempo nem dividiu a sua atenção por coisas meramente terrenas. Consagrado pelo Sacramento da Ordem, nunca se desviou da sua missão sacerdotal: o serviço de Deus e das almas.

Padre errante, a liturgia não teve para ele o carácter social que tem para o Pároco; mas quem o via celebrar o Santo Sacrifício, entrava no mistério de Deus.

E que diremos do seu espírito de fé?

Ele, que explica toda a sua vida. O Padre Cruz viveu acima da terra, num plano sobrenatural, onde a vida se torna divina. Era o



espírito de fé que elevava a sua alma a unido com Deus e que tão heroicamente o levava a consumir a vida ao serviço do próximo.

Porque tanta fadiga, tanto sacrifício, um dom tão completo do si mesmo?

Trabalhos, cruz de cada dia, oblação inteira ao Senhor, só tem sentido com os olhos postos em Deus e em relação com a eternidade.

A sua conformidade perfeita com a vontade de Deus — “tudo o que Deus quiser, como Deus quiser, e quando Deus quiser” — donde vinha senão do seu espírito de fé, que em tudo via a Deus e em tudo reconhecia o seu amor?

Humano, também o Padre Cruz o foi, na melhor aceção da palavra: bondoso, compreensivo.

No seu trato íntimo não era nada austero, dessa austeridade que causa mal-estar aos outros.

Conversava, ria, adaptando-se ao meio, se nesse meio nada ofendia a Deus.

Bom e bem educado, não se impacientava por falarem enquanto ele rezava, nem censurava a alegria da gente nova.

À mesa, se a conversa se generalizava, recolhia-se em Deus ou abria o Breviário, mas se se lhe dirigiam, não se mostrava enfadado e conversava amavelmente.

Na sua convivência de largos anos com famílias, algumas delas com títulos de nobreza, foi sempre simples e afetuoso, sem que a sua virtude o distanciasse, mas também sem adquirir hábitos mundanos.

Junto dos pobres, também nunca foi distante nem tão-pouco vulgar.

E para todos, grandes e humildes, a sua amizade foi preciosa, porque sabia alegrar-se com os que estavam alegres e chorar com os que choravam, sem deixar de marcar sempre com uma nota sobrenatural, santificante, a alegria e a tristeza.

A sua falta foi igualmente sentida por pobres e ricos.

«Faz falta... muita falta! Eu que o diga! Era alguém a quem a gente se amparava em todas as aflições e que compartilhava todas as nossas



alegrias. Era de para tudo... para tudo! Que falta me faz! Que pena! Que saudades!»

Ouvi estas palavras numa sala em que não faltavam riquezas. Mas os olhos da dona da casa, afogados em lágrimas, vagos e perdidos numa evocação, só pareciam buscar naquela sala, agora vazia, um tesouro que desaparecera!

E ocorreu-me esta passagem da Sagrada Escritura: „Feliz aquele que encontrou um verdadeiro amigo! Um amigo fiel é um grande amparo; aquele que o encontra, encontra um tesouro. Nada é comparável ao amigo fiel; nenhum peso de ouro nem de prata equivale ao valor da sua fidelidade. Um amigo fiel é um remédio de vida e de imortalidade“ (Ec16, 14-16).

Na verdade, onde há tesouro que se compare ao Sacerdote amigo fiel? Onde existe amigo mais desinteressado e que ponha na sua amizade a sinceridade da divina amizade d’Aquele que nos ama só por nosso bem?

Mas não foi só na sua amizade, foi também na sua caridade que o Padre Cruz foi admiravelmente humano; compreendia todas as dificuldades da vida: a renda de casa para pagar, o pão que falta na mesa, o vestuário de que se carece, não só para cobrir a nudez, mas para aparecer decente na rua.

Mendigos dos caminhos e pobreza envergonhada, todos encontraram nele um benfeitor e um amigo. O seu sacerdócio foi admirável serviço social.

Pois qual é a ideologia do serviço social? (Do serviço social católico, evidentemente).

Todo o homem é nosso irmão em Cristo. Se estiver caído em miséria material ou moral, o nosso dever é socorrê-lo e erguê-lo na sua dignidade de filho de Deus.

O Padre Cruz foi o mais incansável dos trabalhadores sociais. Desceu ao povo para o ajudar na sua miséria material, acudindo à fome e ao desemprego, resolvendo «crises» familiares e saneando flagelos sociais. Esteve em contacto com todas as classes sociais:



entrou nas cadeias e nos hospitais, nos tugúrios e em palácios — e em toda a parte procurou moralizar os costumes, cristianizar o meio e santificar as almas. Legalizou uniões, reconciliou os homens com Deus; foi intermediário entre os desgraçados e o poder do Estado, e mediano entre os pecadores e Deus.

Quem, como ele, fez serviço social?

Se todos os trabalhadores sociais (profissionais ou voluntários) tivessem as suas qualidades!

Nenhuma lhe faltava: coração, inteligência, simpatia, espírito de sacrifício, generosidade sem limites, entusiasmo pela sua missão e persistência no bem. O seu desinteresse não poderia ser ultrapassado. Nada buscava para si mesmo, nem honras, nem bens deste mundo: «Eu, para mim, não preciso de nada».

Vivia fora da família, para que a sua grande família fossem todos os deserdados; aceitava por esmola tudo quanto necessitava, para que do dinheiro que lhe davam — pão dos pobres — nem uma migalha fosse desviada para ele; desistiu da herança paterna e morreu sem fazer testamento, porque nada possuía para legar.

E não só da pobreza, mas de todas as virtudes evangélicas deu o exemplo, encarnando o Evangelho e pregando-o: missionário que, para pregar a Cristo, não tinha mais a fazer do que mostrar-se!

Se não fez «cristandade» em terras pagãs, trouxe para o rebanho de Pedro muitas ovelhas desgarradas. Foi missionário — apóstolo de Cristo pela oração, a palavra, a pena e o exemplo. Foi missionário com um coração imenso como o de S. Francisco Xavier, e com desejos ilimitados, à maneira de S. João Crisóstomo: Quero salvar o mundo!».

Sim, tinha razão o Cardeal Patriarca de Lisboa para escrever, na hora da morte do Padre Cruz: “A sua vida ficara como exemplo para todos os sacerdotes. Melhor do que qualquer apologia, dirá aos homens o que é o sacerdócio católico — esta passagem de Jesus pelo mundo”.





Datas de **Abertura do Jazigo** do *Padre Cruz*

29 de julho

Aniversário de nascimento

1 de outubro

Aniversário de morte



PENTECOSTES

PAPA JOÃO PAULO II

Creio no Espírito Santo, que é Senhor e dá a vida. Com as palavras do Símbolo niceno-constantinopolitano, a Igreja proclama a sua fé no Paráclito; fé que nasce da experiência apostólica do Pentecostes. O texto dos Atos dos Apóstolos, que a Liturgia



hodierna propôs à nossa meditação, recorda com efeito as maravilhas operadas no dia de Pentecostes, quando os Apóstolos constataram com grande admiração o cumprimento das palavras de Jesus. Ele, como refere a perícopa do Evangelho de São João há pouco proclamada, tinha assegurado na vigília da Sua paixão: «Eu rogarei ao Pai e Ele vos dará outro Consolador, para estar convosco para sempre» (Jo 14, 16). Este «Consolador, o Espírito Santo, que o Pai enviará em Meu nome, Esse ensinar-vos-á todas as coisas e vos recordará tudo o que vos tenho dito» (ibid., 14, 26).

E o Espírito Santo, ao descer sobre eles com força extraordinária, tornou-os capazes de anunciar ao mundo inteiro o ensinamento de Jesus Cristo. Era tão grande a sua coragem, tão segura a sua decisão, que estavam dispostos a tudo, até a dar a vida. O dom do Espírito havia-lhes libertado as energias mais profundas, empenhando-as no serviço da missão que lhes fora confiada pelo Redentor. E será o Consolador, o Parakletos, a guiá-los no anúncio do Evangelho a todos os homens. O Espírito ensinar-lhes-á toda a verdade, haurindo-a da riqueza da palavra de Cristo, a fim de que eles, por sua vez, a comuniquem aos homens de Jerusalém e ao resto do mundo.

Como não dar graças a Deus pelos prodígios que o Espírito não cessou de realizar nestes dois milénios de vida cristã? O evento de graça do Pentecostes tem, com efeito, continuado a produzir os seus maravilhosos frutos, suscitando em toda a parte ardor apostólico, desejo de contemplação, empenho em amar e servir com total dedicação a Deus e aos irmãos. Ainda hoje o Espírito alimenta na Igreja gestos pequenos e grandes de perdão e de profecia, dá vida a carismas e dons sempre novos, que atestam a Sua ação incessante no coração dos homens.

Disto é prova eloquente esta solene Liturgia, na qual estão presentes numerosos membros dos Movimentos e das novas Comunidades, que nestes dias celebraram em Roma o seu Congresso mundial. Ontem, nesta mesma Praça de São Pedro, vivemos um inesquecível encontro

de festa, com cânticos, orações e testemunhos. Experimentámos o clima do Pentecostes, que tornou quase visível a fecundidade inexaurível do Espírito na Igreja. Movimentos e novas Comunidades, expressões providenciais da nova primavera suscitada pelo Espírito com o Concílio Vaticano II, constituem um anúncio do poder do amor de Deus que, superando divisões e barreiras de todo o género, renova a face da terra, para construir nela a civilização do amor.

Escreve São Paulo na Carta aos Romanos, há pouco proclamada: «Todos aqueles que são movidos pelo Espírito de Deus, são filhos de Deus» (8, 14). Estas palavras oferecem ulteriores pontos de reflexão para compreender a ação admirável do Espírito na nossa vida de crentes. Elas abrem-nos a estrada para chegarmos ao coração do homem: o Espírito Santo, que a Igreja invoca para que dê «luz aos sentidos», visita o homem no íntimo e toca diretamente a profundidade do seu ser.

Continua o Apóstolo: «Se o Espírito habita em vós, não estais sob o domínio da carne, mas do Espírito... Aqueles que são movidos pelo Espírito de Deus, são filhos de Deus» (cf. Rm 8, 9.14). Contemplando, depois, a ação misteriosa do Paráclito, acrescenta com enlevo: «Vós não recebestes um espírito de escravidão..., recebestes, pelo contrário, um espírito de adoção, pelo qual clamamos: “Abba, Pai!”. O próprio Espírito atesta, em união com o nosso espírito, que somos filhos de Deus» (Rm 8, 15-16). Eis-nos no centro do mistério! É no encontro entre o Espírito Santo e o espírito do homem que se situa o coração mesmo da experiência vivida pelos Apóstolos no Pentecostes. Esta experiência extraordinária está presente na Igreja, nascida daquele evento, e acompanha-a no decurso dos séculos.

Sob a ação do Espírito Santo, o homem descobre até ao fundo que a sua natureza espiritual não é velada pela corporeidade mas, ao contrário, é o espírito que dá sentido verdadeiro ao próprio corpo. Com efeito, vivendo segundo o Espírito, ele manifesta plenamente



o dom da sua adoção como filho de Deus. Nesse contexto, insere-se bem a questão fundamental da relação entre a vida e a morte, a que se refere Paulo ao observar textualmente: «Se viverdes segundo a carne, morrereis; mas, se pelo espírito fizerdes morrer as obras da carne, vivereis» (Rm 8, 13). É precisamente assim: a docilidade ao Espírito oferece ao homem contínuas ocasiões de vida.

Caríssimos Irmãos e Irmãs, é para mim motivo de grande alegria saudar todos vós, que quisestes unir-vos a mim ao dar graças ao Senhor pelo dom do Espírito. Essa festa toda missionária alarga o nosso olhar para o mundo inteiro, com um pensamento particular aos muitos missionários sacerdotes, religiosos, religiosas e leigos que prodigalizam a sua vida, muitas vezes em condições de enormes dificuldades, para a difusão da verdade evangélica.

A Eucaristia, alimento de vida imortal, que pela primeira vez haveis de saborear, tornar-vos-á prontos a amar e a servir os irmãos, capazes de dar ocasiões de vida e de esperança, livres do domínio da «carne» e do temor. Ao deixar-vos guiar por Jesus, podereis experimentar de maneira concreta na vossa vida a maravilhosa ação do seu Espírito, de que fala o apóstolo Paulo no oitavo capítulo da Carta aos Romanos. Esse texto, cujo conteúdo resulta particularmente atual neste ano dedicado ao Espírito Santo, deveria ser lido hoje com maior atenção, para honrar a ação que o Espírito de Cristo realiza em cada um de nós.

O coração de Maria e dos Apóstolos naqueles momentos está voltado para a Sua vinda, num alternar-se de fé ardente e de confissão da insuficiência humana. A piedade da Igreja interpretou e transmitiu este sentimento no cântico do «Veni, Sancte Spiritus». Os Apóstolos sabem que é árdua a obra que lhes foi confiada por Cristo, mas decisiva para a história da salvação da humanidade. Serão eles capazes de levá-la a cabo? O Senhor tranquiliza os seus corações. A cada passo da missão que os levará a anunciar e a testemunhar o Evangelho até aos pontos mais remotos do globo, poderão contar com o Espírito prometido por Cristo. Os Apóstolos, ao recordarem-se da promessa



de Cristo, nos dias que vão da Ascensão ao Pentecostes, concentrarão todo o pensamento e sentimento naquele veni – vinde!

Veni, Sancte Spiritus! Iniciando assim a sua invocação ao Espírito Santo, a Igreja faz próprio o conteúdo da oração dos Apóstolos reunidos com Maria no Cenáculo; antes, prolonga-a na história e torna-a sempre atual. Veni, Sancte Spiritus! Assim continua a repetir em cada ângulo da terra com imutável ardor, firmemente consciente de dever permanecer de forma ideal no Cenáculo, em perene espera do Espírito. Ao mesmo tempo, ela sabe que do Cenáculo deve sair pelas estradas do mundo, com a tarefa sempre nova de dar testemunho do mistério do Espírito.

Veni, Sancte Spiritus! Oramos assim com Maria, santuário do Espírito Santo, preciosíssima morada de Cristo entre nós, para que nos ajude a ser templo vivo do Espírito e testemunhas incansáveis do Evangelho. Louvado seja Jesus Cristo!



AVISOS

Morada para onde deve
ser enviada

toda a correspondência

relacionada com a

Causa de Canonização

do Padre Cruz :

Apartado 2661

1117-001 LISBOA

NOVO NÚMERO

DE TELEFONE:

218 860 921



Agradecem as graças alcançadas por intercessão do Santo Padre Cruz e, em sinal de gratidão, contribuíram para a Causa de Canonização do Servo de Deus.

Venho por este meio agradecer ao Santo Padre Cruz todas as graças recebidas ao longo da minha vida. Agradeço em especial o facto de ter intercedido por mim junto de Deus aquando da minha operação ao estômago.

Depois surgiu uma bactéria hospitalar que me deixou muito frágil e mais uma vez pedi a intercessão do bondoso Padre Cruz junto de Deus e tudo correu bem.

Maria Madalena Amaral (Lisboa);

O meu neto conseguiu empréstimo para construir casa, que esteve mesmo difícil, sem solução, mas pedi ao santo Padre Cruz com muita fé e, em pouco tempo foi resolvido, graças a Deus.

Agradeço esta e muitas outras graças recebidas.

Lucília Cartaxeiro Garrido (Val do Paraíso);

Agradeço muito ao Senhor por intermédio do seu servo, Padre Cruz, as inúmeras graças que ao longo da minha vida tenho recebido, mas em especial ter corrido bem a operação que fiz a um tumor no estômago.

Continuo a pedir ao meu Santo Padre Cruz que peça a Deus e a Nossa Senhora por mim e pelos meus familiares.

Agradeço também a cura do marido da minha filha, Maria Augusta Gonçalves, que esteve muito mal, mas já se encontra bem.

Maria Luisa (Sebolido);



Venho agradecer ao bondoso Padre Cruz pois todas as minhas orações que lhe faço são ouvidas.

O meu marido esteve muito mal em março, com bronquite e felizmente ficou bem, graças às orações que fiz ao nosso bondoso Padre Cruz.

*Maria de Lourdes Abrantes
(Canas de Senhorim);*

Recebi a graça de ter uma casa para vender, fiz a novena Irresistível ao Padre Cruz entre fevereiro e agosto de 2013 e, em setembro, vendi a casa.

Guiomar Ribeiro (Ovar);

Em algumas situações difíceis da minha vida recorri com muita fé ao bondoso Padre Cruz e fui atendida, o que agradeço do fundo do coração.

*Maria Idalina da Graça Fernandes
(Leiria);*

Estive bastante doente dos meus intestinos e mesmo fazendo dieta tinha dores abdominais e não me sentia bem. Lembrei-me de pedir com muita fé ao meu querido *Santinho* Padre Cruz de quem sou muito devota e que intercedesse por mim e sinto-me bem, graças ao meu grande amigo.

Agradeço-lhe muito esta e muitas mais graças que me tem concedido. Só quero que me ajude sempre e a todos os que ao meu *Santinho* Padre Cruz recorrem.

Noémia Saraiva (Lisboa);

Agradeço algumas graças concedidas pelo Padre Cruz.

A primeira foi o meu filho Paulo ter encontrado trabalho, a segunda a minha nora ter também encontrado trabalho.

Agradeço por um amigo nosso, que tem tido problemas de saúde com um cancro e peço que o Padre Cruz continue a ajudá-lo nesse problema tão complicado.

Fiz uma cirurgia à boca e tudo tem corrido bem e agradeço por uma filha, que fez uma viagem com o marido e tudo correu bem.

Por isso, venho por este meio agradecer e pedir que o Padre Cruz continue a proteger-nos em tudo. O meu muito obrigado.

*Ana Rosa F. de Sá
(Vila Nova de Gaia);*

Venho agradecer esta graça que prometi publicar se a minha esposa melhorasse.

A minha esposa partiu uma perna, tem osteoporose em alto grau e os médicos disseram que estava sujeita a ficar numa cadeira de rodas.

Tive medo que isso acontecesse e rezei a novena do Padre Cruz, pedindo muita vez ao *santinho* que ela melhorasse e assim aconteceu.

Manuel António Lourenço (Mogadouro);

Quero agradecer ao *Santo* Padre Cruz as graças que tem concedido, principalmente na minha doença.

Muito obrigada ao meu bom amigo Padre Cruz.

Maria Pureza F. Vasconcelos (Sabadim);

Venho mais uma vez agradecer do fundo do coração uma graça obtida por intercessão do Padre Cruz, pois o meu filho encontrou o emprego que tanto desejava.

Agradeço também as melhoras do meu neto.

Muito obrigado meu querido Padre Cruz.

*Maria Manuela Cruz Nunes
(Turcifal).*





DERAM ESMOLA

e

AGRADECEM GRAÇAS

Maria Rosette da Silva P. Saraiva Marques (Lisboa); António Matos Rolo (Gavião); Maria do Carmo P. Bártolo Mendes (Lisboa); Maria Sameiro Ferreira Cardoso (Vila Nova de Gaia); Maria Helena Parreira Passão (Caparica); Maria de Lourdes Baptista Catum, Maria Isabel Catum Lourenço e Susana Catum Lourenço; Carolina Marques Pinto Gomes (Porto); Maria Isabel Jesus (Funchal, Madeira); Fernanda Aguiar (Longueuil, Canadá); Maria Luisa Amaral (Lisboa); Maria Madalena Amaral (Lisboa); Maria Manuela Santos Pereira (Lourinhã); José Manuel Cardoso Ferreira da Costa (Meinedo); Daniela Freitas (Algueirão); Ma-

ria do Carmo Farinha (Lisboa); Aurora Ferreira (Coimbra); Dália Henriques, Paula Henriques, Adelina Rosário Silva, Mariano Vicente, Marília Pereira Neto, Maria Manuela Santos Pereira e Balbina Maia (Lourinhã); Filomena Portela (Lisboa); Carlos Alberto Cautela Neves (Meda); Maria Alice Lopes (Coimbra); Ester Pimenta (Barcelos); Isabel Dourado (Póvoa de Varzim); Maria Adelaide Ferreira (Peso da Régua); Maria Amélia Marques (Fânzeres); Maria José Ribeiro Antunes Mendes (Castelo Branco); Maria de Lourdes Maceira (São João das Lampas); Maria Sebastiana Barrocas (Lisboa); Rita Fernandes Rodrigues (Pó-

voa de Varzim); Teresa Sousa (Caldas de Vizela); Fernanda de Oliveira Bento Valverde (Leiria); Maria de Lourdes Abrantes (Canas de Senhorim); Maria Luisa da Silva Soares (Sebolido); Dulce Lubrano Freire (Praia, Cabo Verde); Delmira Miranda (Lisboa); Maria Manuela Sousa (Lisboa); Maria Morais dos Reis Agostinho (Peso); Maria Irene Santos Alves (Figueira da Foz); Maria Amélia Santos Moreira (Cascais); Almerinda Martins Gonçalves (Aguada de Cima); Manuel de Lima Medeiros (Santa Bárbara, Açores); Maria Natalina Antunes (Lisboa); Maria Luisa Gomes Santos Almeida (Coimbra); Mariana Amélia Ferreira (Coz); Maria de Lourdes Moniz (La Mesa, EUA); Carlos Machado (Lisboa); Rosa Dias da Silva (Vila de Aves); Guiomar Ribeiro (Ovar); José Dias de Pinho (Porto); Clara Dias Silva (Porto); Carolina Tavares de Andrade Gavina (São Mamede Infesta); Dulce Pereira Esteves (Azueira); Maria Alice Oliveira Matos (Porto); Maria Azevedo da Silva (Porto); Maria Olga Ferrão (Sobreda); Lourdes Melo (Calgary, Canadá); Maria Isabel

Moniz (Saint Laurent, Canadá); Maria Augusta Lopes (Pombal); Adelina Clemente Pedro (Leiria); Bertila Mendes Guerreiro (Quarteira); Ema Silveira Lemos (Ribeirinha, Açores); Adriana Calisto (Mississauga, Canadá); Maria Mendes Tavares (New Bedford, EUA); Madalena Carochinho; Conceição Duarte; Carlos Alberto Ferreira Alves; Alice Costa; Teresa Monteiro (Olival Basto); Ermelinda Pedrosa Ribeiro (Porto); Lidia Jesus (Lagoa); Cecília Dominglês (Portalegre); Graciette Borges (Chaves); Luís Manuel Roque Fidalgo Alegria (Abrantes); Maria Olga Carvalho Sousa (Oura); Maria da Piedade Lopes Silva Rocha (Vila Nova de Gaia); Maria Regina Dias Alves (Valongo); Gizelia Cabral (Providence, EUA); Margarida Morgado (Ontario, Canadá); Maria Helena Ribeiro Lages Costa (Braga); Armanda Isaura da Silva Cardoso (Donim); Maria do Carmo Bessa Lambéria Vicente (Cartaxo); Cândida Rosa Lopes Santos (Mangualde); Delfina Caldas Dias Vilar (Vila do Conde); Felicidade do Rosário Sequeira (São Salvador de Arameinha); Maria da Conceição Cruz



Caldeira (Carapinheira); Maria Manuela Ferreira Roque Sousa (lisboa); Olga da Paz Colaço Nunes (Castro Marim); Adelina Ana Barbosa (Calheta, Açores); José Júlio Lopes (São Vicente, Cabo Verde); Alda Pereira F. Rosa Narciso (Almada); Maria Lurdes Duarte Santa (Cascais); Maria Natividade Cristóvão (Lisboa); Maria Conceição Rebocho (Lisboa); Margarida Blanco de Morais (Lisboa); Cristina Quintas (Figueiró dos Vinhos); Francisca F. Oliveira (Calheta, Açores); Graça Inácio (Colares); Maria Lúcia Silva Arrais (Colares); Saul Pires Teixeira (Coimbra); Maria Freitas (Newark, EUA); Angelina Pinto (Lisboa); António José de Magalhães (Felgueiras); Maria Idalina Graça Fernandes (Leiria); Narcixa da Conceição (Turcifal); Maria Soares (Turlock, EUA); Eva Santos (Petaluma, EUA); Rafael Forjaz Morão (Covilhã); António Anjos da Cruz (Odivelas); Maria Antónia Alves Teixeira (Lousada); Maria Luisa Pinto Correia (Funchal, Madeira); Arminda da Conceição Tomás Silva (Sintra); Clementina Tvares Silva (Lever); Maria da Natividade

Ramires (Aveiro); Maria Conceição Cardoso (Queijas); Maria Emilia Cabral (Lisboa); Néomia Saraiva (Lisboa); Maria Fernanda Campos (Coimbra); Aida dos Anjos Fernandes (Bragança); Maria Amélia da Silva Fraga (Leça da Palmeira); Maria Ângela Monteiro Soeiro Gandra Pinho (Vila Nova de Gaia); Maria Luisa Santos Almeida (Coimbra); Maria Adelaide Teixeira Colino (Cinfães); Ana Rosa Ferreira de Sá (Vila Nova de Gaia); Teresa Sacchetti (Attleboro, EUA); Manuel Correia Pereira (Valença); Maria Cândida Rodrigues (Porto); Maria do Céu Amaral (Santa Comba Dão); Arlette Pinheiro Alves Teixeira (Braga); Ester dos Santos Monteiro (Porto); Esperança Ferreira Rebelo; Isaura Carralo Abrantes (Campo Maior); Amilcar Almeida (Belazaima do Chão); Maria Amélia Santos Moreira (Cascais); Manuel António Lourenço (Soure); Engrácia de Jesus (Braga); Maria de Fátima Moutela (Salreu); Irene E. Martins Bastos de Bivar (Lisboa); Maria Amélia Filipe (Oeiras); Emília Maria Palminha Estanque (Póvoa de Santa Iria); Maria dos Anjos Costa (Queluz);



Que é preciso para a Canonização do Padre Cruz?

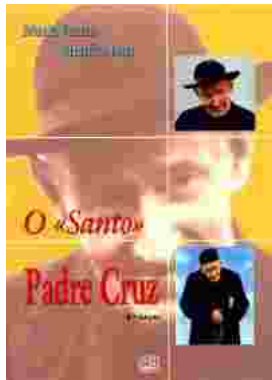
A resposta é simples: que a Igreja, pelo seu Chefe Supremo, o Vigário de Cristo, dê o seu veredito. Mas a Igreja não procede, nesta matéria, de ânimo leve. Por isso tem de ter a certeza de o servo de Deus ter praticado todas as virtudes em grau extraordinário.

Exige também um sinal do céu: o milagre, obtido por intercessão do Padre Cruz. exige até dois. O milagre é um facto religioso, isto é, supõe a oração ou intercessão de um justo unido intimamente a Deus; sensível, ou seja certificável pelos sentidos, e inexplicável pelas forças da natureza. Não basta alguém declarar simplesmente que houve milagre, será preciso prová-lo. E isso faz-se com todo o rigor, por meio de um processo.

Constituído um tribunal pela autoridade da Igreja, são ouvidas as testemunhas e o «miraculado» deve ser minuciosamente examinado por um ou mais peritos, para saber se acura foi real e perfeita ou não.

DATAS PRINCIPAIS DA VIDA DO PADRE CRUZ E DO SEU PROCESSO DE CANONIZAÇÃO

Nascimento:	29-7-1859	Entrada na Companhia de Jesus:	3-12-1940
Estudos Secundários em Lisboa:	1868-1875	Madeira e Açores:	1942
Universidade de Coimbra:	1875-1880	Morte em Lisboa:	1-10-1948
Ordenação Sacerdotal:	3-6-1882	Processo de Beatificação em Lisboa:	10-3-1951 a 26-6-1965
Diretor do Colégio dos Orfãos - Braga:	1886-1894	Entregue à Santa Sé:	17-9-1965
Diretor Espiritual em S. Vicente de Fora:	1896-1903	Aprovação dos Escritos e Declarado Venerável:	30-12-1971



O SANTO PADRE CRUZ

Maria Joana Mendes Leal

A vida do *Santo* Padre Cruz, obscura e gloriosa, apagada e empolgante, é dos testemunhos mais eloquentes dos nossos dias...

8ª edição: 11€.

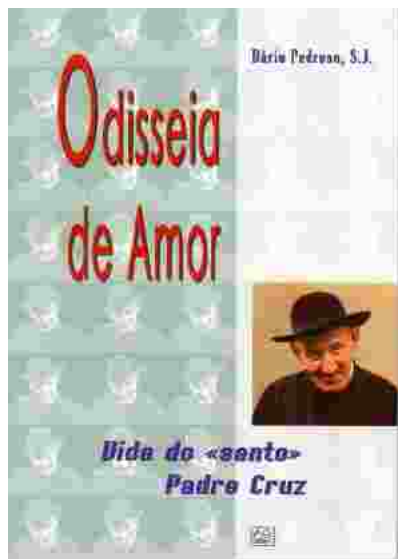
ODISSEIA DE AMOR - Vida do "santo" Padre Cruz

Dário Pedroso, S. J.

Mais uma biografia do Padre Cruz? Sim e não. Sim, porque se trata de apresentar os momentos mais significativos da vida deste sacerdote exemplar, a quem o povo há muito «canonizou». Não, porque o Autor escolheu uma aproximação deveras original: colocando o P. Cruz a falar com um jovem interlocutor imaginário, faz desta narrativa biográfica quase uma “autobiografia”, na qual tudo resulta da «odisseia» do amor de Deus na vida do Padre Cruz.

São páginas repletas de simplicidade e confiança em Deus, bem ao jeito do biografado.

1ª edição: 7€.



GRAÇAS DO PADRE CRUZ S. J. REVISTA TRIMESTRAL

Proprietário: Província Portuguesa da Companhia de Jesus
Estrada da Torre, 26 1750-296 Lisboa

Diretor: P. António Reis S.J.
Sede da Redação: Rua da Madalena, 179 R/C
Apartado 2661
1117-001 LISBOA

Telef.: 218 860 921
Site: <http://www.padrecruz.org>
e-mail: causapadrecruz@padrecruz.org

Impressão e acabamento: Gráfica Almondina - Torres Novas - Tiragem: 2.000 exemplares
Registo: I.C.S. 102106 - Depósito Legal: 17.244188

Pedidos: Na sua Livraria ou na Editorial A. O. - Largo das Teresinhas, nº5, 4714-504 BRAGA.
Deve enviar com o seu pedido, cheque ou vale postal.